

Marcílio com Bush, para reduzir a dívida.

O embaixador brasileiro nos EUA, Marcílio Marques Moreira, que está em Brasília a chamado do presidente José Sarney, deve retornar a Washington esta noite para começar imediatamente negociações com o governo norte-americano e tentar reduzir as transferências líquidas de recursos ao Exterior, conseguir mais dinheiro e diminuir a dívida externa do Brasil. Ontem, à saída do Palácio do Planalto, o embaixador revelou que leva algumas propostas do presidente Sarney ao presidente eleito George Bush (que toma posse dia 20), mas não revelou seu teor.

Marcílio Marques Moreira esteve reunido durante todo o dia com o presidente Sarney e com o assessor do Palácio do Planalto para assuntos internacionais, embaixador Seixas Correia. Moreira não revelou as idéias delineadas para a redução da dívida e obtenção de recursos novos do governo americano e de instituições oficiais.

"Queremos agora implantar um ritmo mais prático e mais intenso nestas negociações para conseguir aceitação das nossas propostas mais interessantes", disse o embaixador, que embarca à meia-noite para os EUA. Sobre o "Plano de Verão" que está sendo elaborado pelo governo, Marques Moreira informou que o presidente Sarney aproveitou sua experiência na área financeira e pediu conselhos sobre o que fazer neste setor. O embaixador não revelou o que disse ao presidente.

Voltar a negociar

Para que o Plano Verão seja eficaz no combate à inflação, é necessário que o governo volte a negociar com os credores externos e altere o acordo fechado pelo ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, além de conseguir uma redução nas remessas de dólares

destinados ao pagamento dos juros. A idéia é do economista Alkimar Moura, professor da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, e ex-diretor da dívida pública do Banco Central nas gestões de Fernão Bracher e Fernando Milliet.

Alkimar Moura acha que o acordo conseguido por Maílson foi bom para os banqueiros e ruim para o Brasil, porque o País ficou obrigado a remeter anualmente para o exterior um valor equivalente a 5% do PIB (US\$ 12 bilhões), para pagamento dos juros.

Segundo o economista, está provado que a questão da dívida externa não se resolve com a geração de superávits comerciais. O País, diz ele, tem condições de acumular superávits elevados, como vem acontecendo. O problema é que eles decorrem de transações do setor privado, ao passo que grande parte da dívida foi contraída pelo governo. Como consequência, a União é muito pressionada em suas finanças, pois não tem receita suficiente para pagar em cruzados os dólares que os exportadores conseguem. É obrigada a emitir dinheiro, aumentando a inflação e também seu próprio déficit.

A saída para o Brasil, diz Alkimar Moura, é aproveitar o momento, quando países como os EUA estão mais flexíveis em relação aos devedores, e propor uma negociação que contemple não apenas mecanismos de mercado, mas também políticos.

Em Buenos Aires, o escritor peruano Mario Vargas Llosa, em artigo publicado no suplemento cultural do jornal "La Nación", afirma que cada país da América Latina deveria pagar apenas o que pode de sua dívida externa, para permitir o desenvolvimento econômico. O escritor diz que a solução para o problema da dívida deve ser negociado com cooperação e realismo.